

Livros: o Nordeste no centro do debate

Nos últimos anos, o tema Nordeste voltou com força às livrarias, com novos textos ou reedições. Várias são as razões dessa retomada da literatura relacionada à questão regional nordestina. Um componente importante para o retorno desses estudos e publicações foi, sem dúvida, a recente expansão do ensino superior na região. Entre 1999 e 2008, o número de estudantes universitários saltou de 310 mil para 912 mil, segundo dados do INEP/MEC. O Nordeste, conhecido pelos índices baixos de escolaridade é, agora, a segunda maior região em número de estudantes universitários, superando o Sul do Brasil. A elevação desse contingente implicou aumento na demanda por textos analíticos sobre a temática regional nos cursos de graduação e, principalmente, na pós-graduação. E isso ajudou a literatura que trata da região nordestina a voltar às livrarias.

A segunda razão é o esgotamento da visão neoliberal. Na década passada, os textos de maior fôlego, com propostas de interpretação geral sobre a região Nordeste, saíram de moda. Numa conjuntura marcada pela agenda liberal (estado mínimo, privatização, financeirização da economia, etc.), em que se privilegiava o debate sobre a inserção brasileira num mundo globalizado, no qual a questão regional ficava em plano secundário, os problemas nordestinos perderam espaço. No entanto, no começo do século XXI, a constatação da permanência dos velhos dramas econômicos e sociais revelou a necessidade de reacender esse debate, que parecia ter envelhecido pela agenda dominante na década anterior. A eleição de um governo nacional com uma proposta de desenvolvimento para o Nordeste – e da recriação da Sudene – permitiu um impulso a mais nesse interesse pelos estudos regionais. Nesse contexto, a temática nordestina foi revalorizada.

Outro elemento nesta retomada de interesse intelectual pelo Nordeste é o seu desempenho

econômico recente, com taxas de crescimento mais altas que a média brasileira. Esse momento particular da economia nordestina tem ocupado espaços dos jornais e das revistas de circulação nacional que, sem exceção, deram capas ou manchetes principais de seus cadernos especializados. Esse é um fato inusitado para a grande imprensa localizada no Centro-Sul e acostumada a tratar das questões do Nordeste sempre pelo viés dos problemas negativos e reais. Mas a mídia brasileira, pela estrutura de seus meios impressos, mesmo os especializados, não consegue realizar análises mais profundas. Esse papel cabe aos formatos da revista acadêmica e do livro, com seus espaços mais amplos para reflexões e análises. Para compreender melhor o que se passa nessa região, tem-se que recorrer à produção dos textos mais densos.

Essas três razões paralelas – a ampliação dos estudos universitários, a crise do modelo neoliberal e o interesse gerado pelo crescimento econômico regional – combinaram-se no tempo e permitiram a volta expressiva da produção intelectual dedicada ao conhecimento do Nordeste. Esse movimento foi iniciado por dois textos, que se transformaram em agendas de pesquisa, circulando com muita frequência no mundo universitário. O ponto de partida é o livro “Ensaio sobre o desenvolvimento brasileiro – heranças e urgências”, de Tânia Bacelar (Revan, 2000), uma coletânea com uma parte importante dedicada às características e diferenças econômicas intra-regionais do Nordeste. No ano seguinte, o IPEA publicou “Velhas secas em novos sertões - continuidade e mudanças na economia do semi-árido e dos cerrados nordestinos”, de Gustavo Maia Gomes, uma análise original sobre as particularidades da economia sertaneja.

Esse movimento teve sequência em textos de interpretação mais ampla, como “Modernização autoritária do Nordeste”, de Nilton Pedro da Silva (UFS, 2002); “Nordeste: a força da diferença – os impasses e desafios da cooperação regional”, de

Ricardo Ismael (Massangana, 2005) “ O Sertão não virou mar – nordestes, globalização e imagem pública da nova elite cearense”, de Liduina Farias Almeida da Costa (Annablume, 2005); assim como em duas coletâneas sobre aspectos do desenvolvimento nordestino: uma de sentido mais teórico, “Celso Furtado e o desenvolvimento regional”, com textos do próprio Furtado e ensaios sobre aspectos de sua obra, organizada por José Sydrião de Alencar Júnior e publicada pelo BNB (2005); e outra mais conjuntural, “A Economia do Nordeste na fase contemporânea”, com ensaios sobre a estrutura econômica recente da região, organizada pela pesquisadora Cleide Bernal e publicada pelo BNB/UFC, em 2006.

Essa redescoberta do interesse pelo regional nordestino fez com que o BNB e a editora Garamond relançassem, em 2008, uma 3ª edição revista e ampliada do livro “O Poder dos Donos – planejamento e clientelismo no Nordeste”, de Marcel Bursztyn, uma análise da relação Estado/sociedade no mundo sertanejo, publicado originalmente em 1983. E essa mesma redescoberta explica a nova edição, no ano passado, de dois textos sobre a formação política e cultural desta parte do Brasil: “Regionalismo nordestino: existência e consciência da desigualdade regional”, de Rosa Maria Godoy Silveira (2ª edição pela UFPB, 2009), que analisa a perda de poder político e econômico da então região “Norte” e o início da criação do “Nordeste”, na segunda metade do século XIX; e da 4ª edição do livro “A Invenção do Nordeste e outras artes”, de Durval Muniz de Albuquerque (Cortez, 2009), uma inovadora abordagem da formação, no século XX, do conceito cultural “região Nordeste”.

O escritor Ítalo Calvino disse que os textos clássicos sempre abrem oportunidades para uma nova leitura. Essa possibilidade explica o relançamento sequenciado de um conjunto de livros que nortearam, por décadas, o debate regional, marcado por temas ainda vigentes: o papel das atividades econômicas – açúcar & pecuária – na formação territorial, econômica e cultural do Nordeste; a pobreza e a fome seculares; a questão da terra e os movimentos camponeses; a tentativa de modernização e a intervenção federal na região; e muitos de seus outros aspectos particulares, que são tratados de maneira singular nesses textos clássicos sobre a realidade nordestina.

Dentro desta série de relançamentos dos clássicos regionais, o livro “Nordeste - aspectos da influência da cana sobre a vida e a paisagem do Nordeste do Brasil” (Global, 2004), de Gilberto Freyre, reapareceu em 7ª edição bem produzida. Outra importante obra de referência, “A Terra e o Homem no Nordeste – uma contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste”, de Manuel Correia de Andrade, saiu em 7ª edição revista e ampliada (Cortez, 2005); “Elegia para uma re(li)gião - Sudene, Nordeste, planejamento e conflito de classes”, de Francisco Oliveira, voltou às livrarias em 9ª edição (Boitempo Editorial, 2008); “Geografia da Fome – o dilema brasileiro: pão ou aço” (Civilização Brasileira, 2008), de Josué de Castro, alcançou a 20ª edição; e “Cangaceiros e fanáticos – gênese e lutas”, de Rui Facó, que reapareceu em nona edição pela UFRJ, em 2009. Desta maneira, os clássicos da “estante nordestina” voltaram a marcar presença nas livrarias brasileiras.

E esse movimento editorial continua. Mais recentemente, dois livros foram lançados dentro de um projeto de publicação das obras completas de Celso Furtado. São dois documentos em forma de coletânea que servem, em muito, para compreender o processo regional a partir da segunda metade do século XX. “O Nordeste e a saga da Sudene” (Contraponto/BNB, 2009), um conjunto de seis documentos escritos por Celso Furtado, entre os anos 1958 e 1964, acompanhados de mais outros artigos de pesquisadores do tema regional; e “O Pensamento de Celso Furtado e o Nordeste hoje” (Contraponto/BNB, 2009), composto por dez artigos de especialistas que, inspirando-se na obra do grande economista paraibano, fazem um balanço do processo de desenvolvimento regional e discutem “novos caminhos” para o Nordeste.

Com esses livros nas mãos, pesquisadores e estudiosos da questão regional nordestina passaram a ter um conjunto razoável de textos que ajuda a responder as grandes indagações sobre a formação, o desenvolvimento e a atualidade dessa parte do Brasil. No entanto, essa “estante nordestina” está com claras lacunas. É que importantes obras sobre aspectos da questão regional estão com suas edições esgotadas há mais de uma década, ainda não entraram neste movimento editorial e seu acesso continua limitado pelos poucos exemplares existentes em bibliotecas

ou alfarrábios. Pela qualidade que lhes garante uma persistente circulação (muitas vezes em versão fotocopiada), esses livros honrariam qualquer catálogo de uma editora nacional.

Sem a pretensão de esgotar a lista de livros significativos e não reeditados, podemos lembrar várias obras que atravessaram “o filtro do tempo” e são constantemente citadas em artigos, livros e teses universitárias sobre o desenvolvimento regional: o clássico de Djacir Menezes, “O Outro Nordeste” (primeira edição de 1937 e a última de 1995, pela UFC); “Crise regional e planejamento: o processo de criação da Sudene”, de Amélia Cohn (Perspectiva, 2ª ed., 1978); “O Nordeste e o regime autoritário – discurso e prática do planejamento regional”, de Inaiá Maria Moreira de Carvalho (Hucitec/Sudene, 1987); “A Economia política do Nordeste – secas, irrigação e desenvolvimento”, de José Otamar de Carvalho (Campus, 1988); “Introdução à formação econômica do Nordeste”, de Leonardo Guimarães (Massangana, 1989); e “O Mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino”, de Iná Elias de Castro (Bertrand, 1992).

Evidentemente que essa produção intelectual, por ser datada, é insuficiente para compreender alguns dos novos fenômenos que ocorrem no Nordeste dos dias atuais. Escrito em décadas do século passado, ou nos anos iniciais deste século, esse conjunto de livros, relançados ou em edições originais, não poderia dar conta de fatos surgidos pós-2000. Mas, para isso, existe uma significativa produção em formato de teses e dissertações, relatórios e artigos de revistas acadêmicas sobre a realidade nordestina, elaborada nas universidades e nas instituições nacionais com departamentos de pesquisa, que contemplam os fenômenos mais recentes, como o papel dos investimentos públicos e privados, que estão na base desse novo movimento econômico regional; e das políticas públicas federais, que vêm provocando mudanças na paisagem social nordestina.

O movimento editorial sobre o tema Nordeste tende à sua ampliação pelo retorno da região ao centro do debate econômico, assim como pelo fortalecimento das universidades nordestinas (com o mesmo número de cursos de pós-graduação que a região

Sul do Brasil). E, neste processo, os lançamentos ou reedições de livros dedicados ao tema facilitam o acesso dos estudiosos e permitem que as pesquisas atuais possam se beneficiar dessa literatura, no sentido de produzir um novo conhecimento, capaz de traduzir a complexidade das questões presentes e contribuir para que o Nordeste acompanhe o resto do Brasil em seu desenvolvimento econômico e social.

Cícero Péricles de Oliveira Carvalho

- Mestre em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina (1992) ;
- Doutor em Economia e Sociologia Agrárias pela Universidade de Córdoba, Espanha (1997);
- Professor da Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEAC) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e do Programa de Pós-Graduação em Economia Aplicada.
- Bolsista do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), no Projeto Cátedra Manuel Correia de Andrade de Desenvolvimento

